

RESENHA

Davi Charles Gomes

VAN TIL, Cornelius. **The Reformed pastor and modern thought.** Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1980. 242 p.

Para todos os estudantes de teologia e pastores que já indagaram por onde se deve começar a leitura da obra de Van Til, e especialmente para os pastores brasileiros que neste sentido enfrentam, além da dificuldade com a língua inglesa, também a complexidade de idéias e dos textos de Van Til, a melhor recomendação é *The Reformed Pastor and Modern Thought*.

Publicada pela primeira vez em 1971, essa obra reúne alguns artigos previamente publicados por Cornelius Van Til tratando de temas teológicos, filosóficos e apologéticos sob a ótica do ministério pastoral reformado. A coletânea empresta seu título do clássico de Richard Baxter¹ e tem como objetivo declarado auxiliar o pastor reformado a preparar as suas ovelhas para “encarar o desafio à sua fé” que emana do pensamento científico moderno, da filosofia e dos estudos da religião, demonstrando como o pastor reformado “deve se relacionar com esses movimentos” e “de fato apresentar o evangelho como um desafio à incredulidade moderna” (*Prefácio*, p. i).

Ainda que grande parte do material contido no livro envolva conceitos que Van Til desenvolve de forma mais técnica e detalhada em outras de suas muitas obras, o êxito de *The Reformed Pastor* está na apresentação dos conceitos de forma convincente e acessível, com suficiente profundidade para oferecer ao pastor reformado valiosa munição intelectual e ao mesmo tempo suficiente clareza e brevidade para fazer de sua leitura algo viável para o não-iniciado. Talvez a melhor e mais surpreendente introdução geral à obra de Van Til, de sua própria pena, *The Reformed Pastor* é leitura indispensável para os pastores reformados que, mesmo não sendo especialistas na área filosófica ou apologética, desejam estar “sempre preparados para responder” (2 Pe 3:15) de maneira

¹ BAXTER, Richard. *O pastor aprovado*. São Paulo: PES, 2003. 200 p.

consistente com a sua teologia confessional e com uma adequada compreensão básica do verdadeiro lastro oculto e da moeda corrente do pensamento secular – as bases de sua aceitação e seus pressupostos não-revelados.

O primeiro capítulo esboça uma base *pressuposicional* que permite correlacionar os pensamentos cristão reformado e secular e compreender que os mesmos emergem de princípios epistêmicos antitéticos e geram, portanto, sistemas epistemológicos antitéticos. Tendo por ponto de partida o pensamento cristão genérico, Van Til clarifica o assunto com alguns questionamentos: “Como deve o cristão defender a sua fé diante do clima subjetivista e relativista da modernidade?” e “Pode o pastor reformado contar com aliados ‘dos outros campos genericamente cristãos’ na defesa do teísmo cristão ante o pensamento incrédulo?”. Ele estreita o enfoque de maneira mais contundente ao afirmar que, a despeito do “muito” que se possa crer haver em comum entre o pensamento reformado e as expressões mais tomistas e pelagianas de oposição “ao subjetivismo moderno” (p. 2), o sistema calvinista e estes últimos têm pontos de partida marcadamente distintos.

O calvinismo, afirma Van Til, parte de “uma clara distinção entre a revelação de Deus ao homem e a resposta do homem a essa revelação”, além de uma subsequente distinção entre a resposta do homem à revelação divina em seus estados pré-lapsário, pós-lapsário e de redenção. Em suma, diz Van Til, o sistema de Calvino é transcendental, pressupondo como base para o conhecimento humano a revelação divina (tanto geral como especial, sendo que a última estabelece os limites para a compreensão da primeira) e negando a veracidade da autonomia epistêmica do homem – o que implica na negação de uma verdadeira “teologia natural”.

O sistema tomista, semipelagiano e pelagiano, Van Til continua, admite continuidade entre Deus e o homem (tanto no conhecimento quanto metafisicamente) e por não estabelecer uma clara distinção entre o Criador e a criatura pressupõe um vasto território de atividade intelectual autônoma, sendo que a graça surge como mero complemento às limitações intrinsecamente humanas (metafísicas). Van Til conclui que, por considerar os efeitos da queda restritos à esfera moral e ignorar os seus efeitos noéticos (na esfera da razão e do conhecimento), para a visão tomista

o homem *nunca* foi originariamente colocado em posição elevada o suficiente para que caísse tão profundamente, e *nunca* caiu tão profundamente que precisasse que Deus o alcançasse de cima para que somente mediante sua restauração o homem pudesse pensar ou desejar aquilo que é verdade e luz (p. 27).

Tais pontos de partida distintos produzem pressupostos antitéticos quanto à natureza da realidade e do conhecimento, os fatos, a lógica e o mal, gerando, portanto, sistemas ou cosmovisões também antitéticas, tanto em suas essências quanto nas aplicações (p. 27-39). Van Til reconhece que essa

antítese só é facilmente reconhecida em termos de sistema e não em toda e qualquer aplicação. Isso se dá, de um lado, porque o pensador anticristão não pode ser verdadeiramente coerente, já que a recusa em reconhecer Deus por detrás dos “fatos” cria uma visão distorcida da realidade. Mas o pensamento cristão reformado, por outro lado, também não pode ainda ser realizado de forma completa e plenamente coerente na presente era, uma vez que o “novo Adão” na carne humana (mesmo que redimida) ainda luta contra a consciência rebelde do “velho Adão” (*cf.* p. 70-71).

Van Til segue argumentando que sistemas arminianos, comuns no evangelicalismo mais amplo, procuram uma via média na antítese proposta até aqui, mas de fato, e exatamente por isso, se alinham em última instância com o tipo de pensamento não-cristão que permeia o sistema tomista: “Assim como o teólogo romanista, ainda que em menor dimensão, o teólogo arminiano também mantém um grau de auto-salvação”, algum âmbito de atividade humana autônoma (p. 31). É nesse ponto que Van Til introduz sua crítica daquilo que ele caracteriza de apologética racionalista “tipo Buttler”,² insistindo na inconsistência e incompatibilidade desse modelo com a teologia reformada e no fato de que o mesmo produz uma dialética entre racionalismo e irracionalismo que não encontra resolução (p. 32-33). Finalmente, Van Til procura ilustrar a ineficiência dos sistemas tomistas-arminianos no desafio à incredulidade (por compartilharem pressupostos do sistema anticristão) por meio de um diálogo entre os “Srs. Black, White e Gray”. A posição do Sr. Black é a do anticristão, enquanto o Sr. Gray representa a atitude tomista-arminiana. A perspectiva reformada é esposada por Van Til na voz do Sr. White como a única capaz de gerar uma apologética que de fato desafia o incrédulo a prestar contas de sua incredulidade, de sua supressão da verdade e de sua base para reflexão e vida.

Este primeiro capítulo serve de base para que Van Til proceda à reflexão sobre a maneira especial como o pastor reformado deve compreender e responder ao catolicismo romano (tradicional e moderno), ao protestantismo moderno (com tratamento diferenciado das suas raízes kantianas e suas manifestações contemporâneas) e às tendências do ecumenismo moderno. Ainda que o segundo capítulo retorne ao contraste entre Calvino e Aquino ao lidar com o catolicismo romano tradicional, o contraste agora passa a ser discutido com maior detalhamento (as implicações são analisadas e o enfoque na antítese é mais nítido) e um propósito ligeiramente distinto. Van Til toma o contraste entre os sistemas de Calvino e Aquino como a perspectiva a partir da qual ele desenvolve uma breve análise de todo o pensamento secular ocidental.

O autor começa contrastando uma aproximação transcendental, que respeita a distinção Criador-criatura e propõe uma forma “analógica” de raciocinar (*i.e.*, há relação analógica entre o pensamento de Deus e os pensamentos huma-

² Referência ao apologista anglicano Joseph Buttler.

nos), com todas as outras formas de reflexão que assumem univocidade racional (*i.e.*, há correspondência formal entre o pensamento de Deus e os pensamentos humanos) e o correspondente pressuposto da equivocidade – racionalismo e irracionalismo em correlação. Para compreender essa distinção, Van Til remete o leitor a raízes na filosofia grega (dos pré-socráticos a Aristóteles) e então traça os contornos do tomismo sob o prisma de seu caráter sintético, especialmente no conceito de *analogia entis* que representaria uma tentativa de síntese entre a teologia natural de Aristóteles e a teologia cristã (p. 74-83).

A epistemologia e a ontologia pressupostas no sistema de Aquino são opostas à visão reformada, argumenta Van Til, sendo finalmente incapazes de resolver suas próprias tensões inerentes. Apontam, em última análise, para um conceito do homem que o equipara a Deus como legislador que interpreta a realidade de forma autônoma (p. 104). Ele continua:

A posição católica romana tradicional quanto à teologia e à filosofia não é basicamente cristã e, portanto, não pode ser usada pelo pastor reformado para desafiar o pensamento moderno (p. 104).

O terceiro capítulo passa da discussão da síntese tomista para a filosofia e a teologia antimetafísicas de Immanuel Kant (p. 106). A estrutura forma-matéria do pensamento grego é visitada novamente, assim como a estrutura natureza-graça da síntese tomista, para que então Van Til caracterize o pensamento kantiano numa estrutura natureza-liberdade, onde o âmbito fenomênico da natureza seria interpretado mediante a atividade sintética do homem e contraposto ao ego racional livre e autônomo (p. 120). Van Til destaca como Kant “desmistifica e remistifica” a religião, desenvolvendo um sistema filosófico que é inerentemente antitético à posição cristã, devido a seus pressupostos quanto à natureza supostamente autônoma do conhecimento humano. Essa abordagem kantiana, diz Van Til, representa o culminar do pensamento apóstata e anticristão prévio (p. 128-130), mas é nela que “temos o modelo [epistemológico] para o protestantismo dos séculos 19 e 20” (p. 122) e também para a ciência moderna (p. 130). A síntese kantiana não comporta a visão bíblica de um Deus verdadeiramente revelado, especialmente na pessoa real de Cristo. Van Til conclui:

Seguindo Kant, o homem moderno agora se sente seguro de que Deus e o Cristo dos reformadores não existem, pois ele *não pode* existir. Agora é certo que tal Deus e tal Cristo *não podem existir*. Todas as assertivas das Escrituras no sentido de que o homem pecador será julgado por sua rejeição de Deus como seu criador e de Cristo como seu redentor podem agora ser convenientemente deixadas de lado. Podemos agora dar um sorriso condescendente diante da ingenuidade do homem primitivo que ainda teme um julgamento futuro assim como também teme assombrações (p. 130).

Van Til prossegue argumentando que

se o pastor reformado captar a significância do princípio socrático-kantiano de internalização [antropocêntrica], ele estará em boas condições para [começar a] compreender a filosofia e a teologia de seu tempo (p. 132).

Tomando Richard Kroner e Paul Tillich como exemplos de filósofos/teólogos modernos típicos ele sugere o lastro pressuposicional oculto da teologia protestante moderna em um contínuo que perpassa o pensamento “apóstata” grego, o fenomenalismo e subjetivismo kantiano e o protestantismo moderno. Ele procura demonstrar, portanto, que os princípios metafísicos e epistemológicos que subjazem o protestantismo moderno não são apenas nocivos a certos aspectos da doutrina cristã, mas, de fato, comprometem o coração da fé cristã, promovendo uma reinterpretação da essência do cristianismo que se torna incapaz de finalmente transcender a dialética entre o racionalismo e o irracionalismo (p. 185). Na conclusão desse capítulo, Van Til resume aquilo que ele vê como implicação central: “O protestantismo moderno abdica integralmente do conteúdo do evangelho no afã de torná-lo acessível ao homem” (p. 185).

Segue então um capítulo dedicado ao tratamento do catolicismo romano moderno. Van Til indaga se as manifestações modernas do catolicismo romano apresentam de fato uma aproximação da posição reformada. Respondendo na negativa ele afirma que, na realidade, a aparente aproximação das posições protestante e romana é resultado natural dos pressupostos modernos compartilhados pelos dois sistemas, os quais são, em última instância, anticristãos. Mesmo quando alguns pensadores católicos modernos procuram opor-se ao subjetivismo atual, tudo o que podem oferecer em seu lugar é a pseudo-objetividade do realismo de Aquino, o qual, devido à sua natureza sintética, também é acometido de um subjetivismo inerente (p. 222).

O último capítulo é baseado em uma palestra na qual Van Til discute o movimento ecumênico moderno. Como é esperado, Van Til afirma que a relação antitética entre uma forma de reflexão verdadeiramente cristã e o anticristianismo inerente a uma teologia construída sobre pressupostos filosóficos seculares torna inviável o ecumenismo com aqueles que não entendem a salvação como sendo pela graça somente – sendo esta a única perspectiva que suporta uma teologia e uma filosofia transcendentalmente teoreferente e baseada nas Escrituras como auto-autenticada (p. 234-241). Ele contrasta essa noção moderna de ecumenismo com a noção bíblica na qual todos os que confessam a salvação somente pela graça estão sendo reunidos por Deus como igreja de Cristo (p. 225-233).

Limitações de espaço impedem presentemente uma discussão mais detalhada de outras questões cruciais levantadas por Van Til, ou mesmo uma apreciação das formulações oferecidas por ele. Entretanto, antes de concluir esta resenha há duas características gerais da obra que não podem deixar de

ser mencionadas, pois são razões centrais para que a importância desse livro seja reconhecida. Em um certo sentido, essa obra não apresenta quase nada de novo em relação a outros escritos nos quais Van Til lida com os mesmos assuntos de forma mais detalhada (com exceção, talvez, do último capítulo, sobre ecumenismo). Todavia, antes que se pense que o livro é mera repetição dos mesmos velhos argumentos de Van Til, é mister reconhecer que os conceitos são urdidos aqui em um contínuo coerente e sem muita costura, formando um todo que de fato cumpre o propósito de fornecer munição básica para que o pastor reformado compreenda os contornos pressupicionais do pensamento anticristão e esteja mais bem preparado para lidar adequadamente com as tensões intrínsecas entre sua fé e o pensamento moderno, quer na filosofia, quer nas teologias modernas protestantes e católicas. Talvez a maior riqueza do livro seja exatamente a seletividade exercida pelo autor, a qual permite que ele trate objetivamente apenas de certos tópicos centrais sem enveredar pelos meandros epistemológicos – ainda que talvez um capítulo que lidasse mais detalhadamente com as raízes kantianas do pensamento moderno e sua relação com o milieu científico pudesse enriquecer a obra. Ainda assim, a seleção dos tópicos é mais que adequada para auxiliar o pastor reformado a entender os aspectos da modernidade que o confrontam, mesmo passadas algumas décadas de quando os textos foram escritos.

Uma segunda peculiaridade desta obra, que pode parecer incomoda para alguns, mas que quando adequadamente matizada só contribui para a sua relevância, é o fato de que alguns temas e tópicos na história das idéias são reciclados e repetidos na seqüência dos capítulos. Se, por um lado, a repetição de certas discussões pode parecer redundante – deixando transparecer que a obra é uma coletânea de artigos, essa repetição, por outro lado, reforça a tese de que há uma unidade subjacente no pensamento secular, cujas aplicações é que são multifacetadas. Destarte, cada capítulo da obra se torna em um ângulo, uma perspectiva, dentro de uma análise unificada da estrutura básica do pensamento filosófico anticristão, permitindo que o leitor veja essa mesma análise recolocada por sobre o objeto com diferentes nuances, as quais se complementam para enriquecer a compreensão do leitor.

Em suma, o livro representa uma valiosa contribuição de Van Til, especialmente para aqueles que ainda não estão familiarizados com a sua obra. Se os vários livros mais técnicos de Van Til apresentam algumas das idéias presentes em *The Reformed Pastor* de maneira mais detalhada ou objetiva, é nessa obra que várias idéias centrais ao seu pensamento são argumentadas em contexto, no contexto em que, em linhas gerais, o pastor reformado é chamado a fazer a sua apologia. Assim sendo, o livro só confirma a relevância, a adequação e a força do argumento de Van Til para que a fé seja defendida a partir de uma abordagem distintamente reformada, transcendental e pressupicional.